

## História

## Ilha de Maré: o paraíso é aqui

*Cenário pitoresco conserva rico ecossistema e relíquias do Brasil Colonial*

Haroldo Abrantes

|                  |      |       |
|------------------|------|-------|
| PMS              | FMLF | GERIN |
| BIBLIOTECA       |      |       |
| Jornal           |      |       |
| Correio da Bahia |      |       |
| 28/05/00         |      |       |
| Assunto          |      |       |
| Ilha de Maré     |      |       |

**Carmen Vasconcelos**

**F**echе os olhos e imagine uma ilha no meio da Baía de Todos os Santos, cercada de água límpida, terras férteis, com fauna e flora abundantes. Pense na areia branca, na praia deserta, onde a qualquer momento é possível se deparar com alguma relíquia histórica do Século XVI. Incremente o cenário com pescadores e descendentes de escravos que conservam dialetos ancestrais. Se você acredita estar diante de um cenário fictício, prepare-se para a surpresa: a Ilha de Maré existe e fica apenas a 30 minutos de barco de Salvador.

Batizada com esse nome em virtude do fato das embarcações precisarem sempre esperar a maré propícia para seguir viagem, a ilha tem 13,78km², sete vezes o tamanho do Vaticano. E mais: aparece nos registros históricos da Bahia desde o Século XVIII. Apesar de estar vinculada à história da Bahia há muito tempo, o local ficou realmente conhecido através dos versos da cantora Alcione com os versos "Eu vim de Ilha de Maré, minha senhora/Pra fazer samba na Lavagem do Bonfim". Nesse local pitoresco, nasceram inúmeras figuras importantes do cenário político e cultural do Brasil, a exemplo do padre e senhor de engenho Bartolomeu Pires. Ele foi o mestre da capela da Sé Primacial do país e doador do terreno onde hoje se encontra o convento e a Igreja de São Francisco, no Centro Histórico de Salvador. Pires foi também o construtor da Igreja de Nossa Senhora das Neves que, segundo a crença local, teria surgido em Ilha de Maré de forma miraculosa, sem que ninguém presenciasse o processo de construção.

Outro bom exemplo dos filhos ilustres da terra é Manoel Botelho, primeiro brasileiro a publicar um escrito no Brasil. Curiosamente, a publicação faz uma referência poética aos encantos e belezas da Ilha de Maré: "Aqui se cria o peixe regalado/Com substância e gosto preparado/Que sem tempero algum para o apetite/Faz gostoso convite/E se pode dizer em graça rara/Que a mesma natureza os temperara". Apesar da licença poética, o visitante que quiser conferir o lugar, confirmará que o exagero dos versos é facilmente compreensíveis - a ilha é um dos ecossistemas mais ricos em biodiversidade do mundo.

## Cinco mil tipos de moluscos

Especialistas identificaram cinco mil espécies de moluscos, alguns deles só encontrados no lugar. A floresta tropical, que cobre todo o território, fornece uma grande variedade de árvores frutíferas, além da cana-branca, do milho e do arroz.

de bilros, também chamadas de rendas de almofadas, que chegaram no novo continente pelas mãos hábeis das famílias açorianas. Em Maré, as peças são comercializadas por um preço tentador, que estimula o desejo de consumo de qualquer ser humano com senso de estética.

te, com uma missa e a procissão terrestre.

Os afoxés de Adélia e Balbina animam festas como a de Nossa Senhora das Neves. Essa última acontece no período de 4 a 5 de agosto, há mais de 400 anos. As comemorações da devoção de Nossa Senhora das

dores locais, que garantem que a igreja nunca foi reformada e, apesar da sua estrutura se manter firme, é absolutamente necessário que haja uma intervenção urgente.

Além do Verão e dos períodos de festa religiosas e populares, a Ilha de Maré tam-

*Imortalizada nas canções, a ilha guarda o cenário típico das cidadezinhas do interior*

### ***Carmen Vasconcelos***

**F**eche os olhos e imagine uma ilha no meio da Baía de Todos os Santos, cercada de água límpida, terras férteis, com fauna e flora abundantes. Pense na areia branca, na praia deserta, onde a qualquer momento é possível se deparar com alguma relíquia histórica do Século XVI. Incremente o cenário com pescadores e descendentes de escravos que conservam dialetos ancestrais. Se você acredita estar diante de um cenário fictício, prepare-se para a surpresa: a Ilha de Maré existe e fica apenas a 30 minutos de barco de Salvador.

Batizada com esse nome em virtude do fato das embarcações precisarem sempre esperar a maré propícia para seguir viagem, a ilha tem 13,78km<sup>2</sup>, sete vezes o tamanho do Vaticano. E mais: aparece nos registros históricos da Bahia desde o Século XVIII. Apesar de estar vinculada à história da Bahia há muito tempo, o local ficou realmente conhecido através dos versos da cantora Alcione com os versos "Eu vim de Ilha de Maré, minha senhora/Pra fazer samba na Lavagem do Bonfim". Nesse local pitoresco, nasceram inúmeras figuras importantes do cenário político e cultural do Brasil, a exemplo do padre e senhor de engenho Bartolomeu Pires. Ele foi o mestre da capela da Sé Primacial do país e doador do terreno onde hoje se encontra o convento e a Igreja de São Francisco, no Centro Histórico de Salvador. Pires foi também o construtor da Igreja de Nossa Senhora das Neves que, segundo a crença local, teria surgido em Ilha de Maré de forma miraculosa, sem que ninguém presenciasse o processo de construção.

Outro bom exemplo dos filhos ilustres da terra é Manoel Botelho, primeiro brasileiro a publicar um escrito no Brasil. Curiosamente, a publicação faz uma referência poética aos encantos e belezas da Ilha de Maré: "Aqui se cria o peixe regalado/Com substância e gosto preparado/Que sem tempero algum para o apetite/Faz gostoso convite/E se pode dizer em graça rara/Que a mesma natureza os temperara". Apesar da licença poética, o visitante que quiser conferir o lugar, confirmará que o exagero dos versos é facilmente compreensíveis - a ilha é um dos ecossistemas mais ricos em biodiversidade do mundo.

### **Cinco mil tipos de moluscos**

Especialistas identificaram cinco mil espécies de moluscos, alguns deles só encontrados no lugar. A floresta tropical, que cobre todo o território, fornece uma grande variedade de árvores frutíferas, além da cana-brava, matéria-prima para a fabricação da cestaria. Com uma natureza tão pródiga, o caminho não poderia ser outro: a Ilha de Maré virou ponto turístico obrigatório para aqueles que querem conhecer a cultura do Recôncavo e a Baía de Todos os Santos. Durante o Verão, as praias de Itamoabo e das Neves - mais propícias para o banho, uma vez que as demais são cercadas de pedras ou mangues - são invadidas por turistas estrangeiros e locais.

Para quem aprecia a boa comida baiana, a Ilha de Maré é ponto de referência. No cardápio típico, há mariscada, moquecas de camarão, sarnambi, sapiro e o delicioso doce de banana enrolado na palha. Mas não é só. Nesse pedaço de Éden, é também possível encontrar uma parte significativa da história da colonização do Brasil, através das rendas

de bilros, também chamadas de rendas de almofadas, que chegaram no novo continente pelas mãos hábeis das famílias açorianas. Em Maré, as peças são comercializadas por um preço tentador, que estimula o desejo de consumo de qualquer ser humano com senso de estética.

Para preservar a origem européia, a comunidade das 12 localidades da ilha é generosa nas comemorações religiosas. Há festa em quase todo o lugar, a exemplo de Itamoabo, Santana, Praia Grande, Maracanã, Ponta Grossa, Armenda, Martelo, Porto dos Cavalos, Bananeiras, Das Neves, Botelho - em homenagem ao escritor famoso - e Oratório mantêm o espírito baiano. A ilha conserva a euforia típica das festas populares. Entre as principais festividades estão a dos Navegantes, no último domingo de janeiro. No dia anterior, são realizados a procissão marítima e o baile no barracão. Há ainda a de Bom Jesus do Amparo, que acontece de 7 a 8 de setembro. Durante a realização, o povo sai da Ribeira em direção à ilha com a imagem do santo. A festa prossegue em Maré com um baile e é concluída no dia seguin-

te, com uma missa e a procissão terrestre.

Os afoxés de Adélia e Balbina animam festas como a de Nossa Senhora das Neves. Essa última acontece no período de 4 a 5 de agosto, há mais de 400 anos. As comemorações da devoção de Nossa Senhora das Neves são consideradas os eventos mais importantes da Ilha de Maré. De acordo com o morador Albérico Conceição Soares, mais conhecido como Berico, durante os dias em que o povo comemora a festa da santa, é feriado em Maré. "Não se fala em outra coisa e as pessoas que, por qualquer razão estão fora, voltam para participar da festa na ilha", pontua Berico. Para ele, a única coisa que pode ofuscar as comemorações da festa da Virgem este ano é a demora na recuperação da igreja que, pelo valor histórico, só pode ser reformada com o acompanhamento do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (Ipac). "Os representantes do Ipac estiveram aqui antes do Carnaval, mas o tempo está passando e nem sinal de reforma", afirma o morador, que também é um dos organizadores da atividade. Toda a preocupação de Berico é justificada na versão dos mora-

dores locais, que garantem que a igreja nunca foi reformada e, apesar da sua estrutura se manter firme, é absolutamente necessário que haja uma intervenção urgente.

Além do Verão e dos períodos de festa religiosas e populares, a Ilha de Maré também é muito freqüentada nos finais de semana, principalmente pelos moradores dos bairros do subúrbio ferroviário, que preferem a proximidade da ilha. A presença dos vizinhos, apesar de movimentar o comércio, é vista com desconfiança pelos nativos, que se queixam do comportamento predatório e pouco discreto dos visitantes. Nos demais dias da semana, os moradores da Ilha de Maré convivem calmamente com os poucos visitantes (na maioria das vezes, casais que aproveitam a quietude da ilha para viver romances ilícitos), a pesca, a confecção da cestaria e das rendas. Os mais jovens se encontram e traçam planos para o futuro na pequena praça central da localidade de Santana, onde o próprio tempo parece não ter pressa de passar.

➤ CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE



***Imortalizada nas canções, a ilha guarda o cenário típico das cidadezinhas do interior***

# Templo de lendas, lutas e invasões

*Ilha é o único lugar a abrigar uma igreja em homenagem a São Francisco Xavier*

Haroldo Abrantes



**Os monumentos históricos construídos na ilha revelam a importância do lugar**

**D**urante o desenrolar da história do Brasil, a Ilha de Maré foi cenário de acontecimentos importantes. No período da invasão holandesa, por exemplo, diversos engenhos locais, principalmente aqueles situados no Botelho, foram incendiados na tentativa de consumir a tomada das terras do Recôncavo. Mas a população de Maré não se rendeu e continuou tocando a vida, com a ajuda da padroeira Nossa Senhora das Neves e do padroeiro de Salvador, São Francisco Xavier.

De acordo com o historiador Cid Texeira, um dos orgulhosos filhos da ilha, embora tenha sido registrado como soteropolitano, o local é o único na Bahia que já possuiu um templo em homenagem ao santo que, por duas vezes, salvou a população da capital das pestes. "O templo erguido em devoção a São Francisco Xavier ficava localizado numa parte da Ilha de Maré conhecida hoje em dia como o Oratório", ressalta Cid. O sossego logo seria quebrado mais uma vez com as lutas pela independência.

Entre os anos de 1822 e 1823, o general Pierre Labatut mandou colocar dois canhões na Baía de Todos os Santos, de modo a repelir as tropas portuguesas. Uma das armas foi colocada numa plataforma, na Cidade Baixa, onde está localizado atualmente o bairro de Plataforma. O outro foi colocado em Itamoabo. A relíquia vem sendo bem guardada pelo próprio historiador, que encontrou o artefato no terreno de sua propriedade, na Ilha de Maré.

A proteção dos santos manteve a ilha afastada durante muito tempo. As visitas geralmente eram feitas por antigos moradores que residiam ou trabalhavam na capital. "A ilha era um local tão pouco visitado que, quando alguém de fora desembarcava, logo começava o burburinho de que tinha algum 'estranho' em Maré", re-

petreiro era símbolo de status social, os operários costumavam alugar os seus capacetes para que os rapazes pudessem impressionar as mocinhas casadoiras. "O adereço era garantia de conseguir conquistar as moças da ilha", relembra Texeira.

Desse mesmo tempo eram os famosos saveiristas de Maré que, segundo o historiador, faziam poema com uma só frase, através dos nomes que davam às suas embarcações - Lenço de Seda, Bela Rosa, Morena do Mar... Defensor ferrenho da permanência dos velhos "saveiros" na Baía de Todos os Santos, Cid Teixeira - assim como o arquiteto Lev Smarzewsky - destaca o fato de que os barcos, de origem chinesa e egípcia, estão desaparecendo. "A arte de definir proporções precisas e dominar o monstro da matemática está se acabando na Ilha de Maré. Os antigos mestres não existem mais e não há quem queira aprender a técnica e dar prosseguimento ao conhecimento ensinado pelos indianos que chegaram às terras baianas", queixa-se o professor.

Para ele, em tempos de naufrágios e embarcações que não cumprem a sua função de transportar, a manutenção da perfeição náutica e da pureza funcional presentes nos saveiros é da mais absoluta necessidade. "Se não por uma questão de respeito às tradições ancestrais da humanidade, pelo menos, por uma precisão de locomoção na Baía de Todos os Santos", conclui o historiador.

## Expulsos do paraíso

O ambiente bucólico da Ilha de Maré não esconde, no entanto, a falta de alternativa de empregos para as novas gerações. A crise na indústria extratora de petróleo e falta de in-

lugar tranquilo, onde eu possa contar com o dinheiro certo, todo final do mês".

Para a antiga moradora da localidade e uma das lideranças comunitárias mais expressivas de Maré, a senhora Dalva Alves dos Santos, 60 anos, a saída para a crise que atingiu a ilha está no investimento em novas alternativas e possibilidades. "Não adianta vir aqui tentar capacitar rendeiras, pescadores ou artesãos, pois a qualidade no trabalho já existe. O que precisamos é de novidades que possam absorver os rapazes daqui e fazer com que as rendas, por exemplo, possam ser vendidas por um preço justo e condizente com o trabalho feito", sugere. Com uma opinião parecida, Berico, que é responsável pela exploração do ancoradouro de São Tomé de Paripe, afirma que a alternativa para mudar o quadro de desemprego, que ameaça a felicidade da ilha, está na construção de uma fábrica para produção de doces caseiros, a exemplo do famoso doce de banana.

A outra sugestão do morador diz respeito à organização no turismo feito no local, que termina perdendo espaço para outras ilhas como a dos Frades. "No último Verão, tivemos um movimento fraco. Acredito que isso seja por causa da falta de um ancoradouro e pelo despreparo para fazer um turismo organizado, com boa estrutura", pontua. Para Berico, a construção de um pier contribuiria, inclusive, para reduzir a violência e o armamento da comunidade. "Em Maré, não há policiamento. Temos uma população pacífica, no entanto, existem rixas entre o pessoal de Santana e Praia Grande. Nas festas, geralmente, acontecem brigas", completa Berico, que já tentou solicitar policiamento ostensivo na época de maior fluxo de pessoas, mas que sempre esbarra na dificuldade de trans-



*Os monumentos históricos construídos na ilha revelam a importância do lugar*

**D**urante o desenrolar da história do Brasil, a Ilha de Maré foi cenário de acontecimentos importantes. No período da invasão holandesa, por exemplo, diversos engenhos locais, principalmente aqueles situados no Botelho, foram incendiados na tentativa de consumir a tomada das terras do Recôncavo. Mas a população de Maré não se rendeu e continuou tocando a vida, com a ajuda da padroeira Nossa Senhora das Neves e do padroeiro de Salvador, São Francisco Xavier.

De acordo com o historiador Cid Texeira, um dos orgulhosos filhos da ilha, embora tenha sido registrado como soteropolitano, o local é o único na Bahia que já possuiu um templo em homenagem ao santo que, por duas vezes, salvou a população da capital das pestes. "O templo erguido em devoção a São Francisco Xavier ficava localizado numa parte da Ilha de Maré conhecida hoje em dia como o Oratório", ressalta Cid. O sossego logo seria quebrado mais uma vez com as lutas pela independência.

Entre os anos de 1822 e 1823, o general Pierre Labatut mandou colocar dois canhões na Baía de Todos os Santos, de modo a repelir as tropas portuguesas. Uma das armas foi colocada numa plataforma, na Cidade Baixa, onde está localizado atualmente o bairro de Plataforma. O outro foi colocado em Itamoabo. A relíquia vem sendo bem guardada pelo próprio historiador, que encontrou o artefato no terreno de sua propriedade, na Ilha de Maré.

A proteção dos santos manteve a ilha afastada durante muito tempo. As visitas geralmente eram feitas por antigos moradores que residiam ou trabalhavam na capital. "A ilha era um local tão pouco visitado que, quando alguém de fora desembarcava, logo começava o burburinho de que tinha algum 'estranho' em Maré", lembra Cid Texeira. O isolamento gerou um fato interessante: até pouco tempo atrás, no local todos possuíam parentesco em maior ou menor grau. Famílias como os das Neves e Soares casavam entre si e perpetuavam a tradição dos pescadores, saveiristas, rendeiras e exímias cozinheiras.

A Ilha de Maré só voltou a ser procurada de novo quando, no final dos anos 40, foi construída a Base de Aratu. Nesse período, inúmeros ilhéus - seduzidos com a possibilidade do salário certo - abandonaram a pesca e o cultivo de hortaliças e frutas para se dedicar ao trabalho no porto. Situação parecida se repetiu anos mais tarde com a implantação da Petrobras, em Mataripe. Segundo Cid Teixeira, esse último evento gerou um fato interessante entre os jovens da ilha: o aluguel de capacetes. Como trabalhar na Petrobras e usar o capacete de

petroleiro era símbolo de status social, os operários costumavam alugar os seus capacetes para que os rapazes pudessem impressionar as mocinhas casadoiras. "O adereço era garantia de conseguir conquistar as moças da ilha", relembra Texeira.

Desse mesmo tempo eram os famosos saveiristas de Maré que, segundo o historiador, faziam poema com uma só frase, através dos nomes que davam às suas embarcações - Lenço de Seda, Bela Rosa, Morena do Mar.... Defensor ferrenho da permanência dos velhos "saveleiros" na Baía de Todos os Santos, Cid Teixeira - assim como o arquiteto Lev Smarcewsky - destaca o fato de que os barcos, de origem chinesa e egípcia, estão desaparecendo. "A arte de definir proporções precisas e dominar o monstro da matemática está se acabando na Ilha de Maré. Os antigos mestres não existem mais e não há quem queira aprender a técnica e dar prosseguimento ao conhecimento ensinado pelos indianos que chegaram às terras baianas", queixa-se o professor.

Para ele, em tempos de naufrágios e embarcações que não cumprem a sua função de transportar, a manutenção da perfeição náutica e da pureza funcional presentes nos saveiros é da mais absoluta necessidade. "Se não por uma questão de respeito às tradições ancestrais da humanidade, pelo menos, por uma precisão de locomoção na Baía de Todos os Santos", conclui o historiador.

## Expulsos do paraíso

O ambiente bucólico da Ilha de Maré não esconde, no entanto, a falta de alternativa de empregos para as novas gerações. A crise na indústria de extração de petróleo, a falta de investimentos econômicos na ilha e o mercado corrido em Salvador terminam por minar as opções de emprego dos jovens da ilha que, via de regra, terminam se voltando para a pesca e o artesanato. Aqueles que não encontram lugar nessas duas atividades sobrevivem com empregos temporários e sonham com a possibilidade do trabalho fixo.

Trabalhando em frente à praia, no bar e restaurante Cobra D'Água, Joseval Souza, mais conhecido como Val, é um desses jovens que sonham com um emprego em Salvador. Apesar de ocupar um lugar cobiçado por nove entre dez moradores da capital baiana, o rapaz sonha em conseguir uma vaga como segurança no continente. "Quando chega o Inverno e a baixa estação, o fluxo de turistas cai muito. Às vezes, a gente fica sem cliente durante todo o dia", afirma Val. E prossegue: "Quero um

lugar tranquilo, onde eu possa contar com o dinheiro certo, todo final do mês".

Para a antiga moradora da localidade e uma das lideranças comunitárias mais expressivas de Maré, a senhora Dalva Alves dos Santos, 60 anos, a saída para a crise que atingiu a ilha está no investimento em novas alternativas e possibilidades. "Não adianta vir aqui tentar capacitar rendeiras, pescadores ou artesãos, pois a qualidade no trabalho já existe. O que precisamos é de novidades que possam absorver os rapazes daqui e fazer com que as rendas, por exemplo, possam ser vendidas por um preço justo e condizente com o trabalho feito", sugere. Com uma opinião parecida, Berico, que é responsável pela exploração do ancoradouro de São Tomé de Paripe, afirma que a alternativa para mudar o quadro de desemprego, que ameaça a felicidade da ilha, está na construção de uma fábrica para produção de doces caseiros, a exemplo do famoso doce de banana.

A outra sugestão do morador diz respeito à organização no turismo feito no local, que termina perdendo espaço para outras ilhas como a dos Frades. "No último Verão, tivemos um movimento fraco. Acredito que isso seja por causa da falta de um ancoradouro e pelo despreparo para fazer um turismo organizado, com boa estrutura", pontua. Para Berico, a construção de um pier contribuiria, inclusive, para reduzir a violência e o armamento da comunidade. "Em Maré, não há policiamento. Temos uma população pacífica, no entanto, existem rixas entre o pessoal de Santana e Praia Grande. Nas festas, geralmente, acontecem brigas", completa Berico, que já tentou solicitar policiamento ostensivo na época de maior fluxo de pessoas, mas que sempre esbarra na dificuldade de transportar os policiais.

Para a maioria dos nativos da ilha, a construção do ancoradouro se faz imediata inclusive pela dificuldade de transportar objetos como móveis, gêneros alimentícios e compras em geral. "É preciso descer as mercadorias dentro da água e trazer tudo com muito custo para a terra. O pier resolveria todo esse transtorno", complementa Albérico. Mas as reclamações não param por aí. Segundo os moradores, a necessidade de implantação de um ginásio é urgentíssima. "Todos os dias, cerca de 300 crianças precisam sair cedo de suas casas para estudar em Salvador", diz Berico. Com isso, os estudos da maioria da população da ilha, geralmente, param com a conclusão do ensino médio. Profissionais nas áreas de medicina, educação, engenharia civil, entre outros, são escassos e, via de regra, precisam vir de Salvador para visitas rápidas e esporádicas.